

## ALTERNATIVAS QUE BUSCAM NEUTRALIZAR O GÊNERO GRAMATICAL: USOS E MOTIVAÇÕES

THAMIRES RODRIGUES GOMES<sup>1</sup>  
ORIENTADORA: PROFA DRA. CRISTINA LOPOMO DEFENDI<sup>2</sup>

1 Graduada em Letras (licenciatura), Bolsista PIBIFSP, IFSP, Câmpus São Paulo, thamiresgomes70@gmail.com

2 Docente da Licenciatura em Letras-Português, IFSP-SPO, crislopomo@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.01.00-8 Língua Portuguesa

Apresentado no  
8º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP  
06 a 09 de novembro de 2017 - Cubatão-SP, Brasil

**RESUMO:** A pesquisa tem como objetivo principal discutir o papel da linguagem na construção e afirmação da identidade do indivíduo, a partir de análises a respeito do uso de alternativas que neutralizam o gênero gramatical. Para isso, discute-se conceitos linguísticos como *gênero gramatical* e *princípio de marcação*, além de definições relacionadas à *identidade de gênero* e está sendo composto um *corpus* de textos, retirados de redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, que servirá para identificar e analisar a frequência de uso de tais alternativas. Tendo como mote o papel da linguagem enquanto ferramenta de transformação social e como objeto de pesquisa a marcação de gênero (feminino ou “neutro”), recorreremos a uma abordagem teórica que, além de focalizar a gramática e a desinência morfológica de gênero, discute o princípio funcionalista da marcação e utiliza-se do conceito de gênero social.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero gramatical; identidade de gênero; neutralização.

## ALTERNATIVES THAT SEEK TO NEUTRALIZE THE GRAMMATICAL GENDER: USES AND MOTIVATIONS

**ABSTRACT:** The research aims to analyze how the grammatical genre has served as a tool to transpose the patterns and frontiers of the social genre, discussing the role of language in the construction and affirmation of identity of the individual. After analyzing linguistic concepts such as *grammatical genre* and *marking principle*, besides definitions related to gender identity, a corpus of texts is being compiled, taken from the social medias like *Facebook* and *Twitter*, which will serve to identify and analyze the frequency of use of alternatives that "neutralize" the sexual gender. Taking as its motto the role of language as a tool for social transformation and as a research object of the gender (female or "neutral") marking, we resort to a theoretical approach that, besides focusing on grammar and morphological termination of gender, studies the functionalist principle of marking and the use of social gender.

**KEYWORDS:** grammatical gender; gender identity; neutralization.

## INTRODUÇÃO

Criadas no meio virtual, as alternativas que “neutralizam” o gênero gramatical surgiram como uma pauta de grupos LGBTQ+ e feministas, evidenciando a necessidade de se abarcar as identidades de gênero consideradas alternativas por não se adequarem ao padrão binário de normalidade (homem/mulher) e pautando-se na ideia de gênero – desenvolvida no marco dos pressupostos de grupos feministas anglo-saxãs, que utilizavam a palavra *gender*, como ferramenta política objetivando “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual” (SCOTT, 1995, p. 72, apud LOURO, 2001, p. 21) e debater o caráter social das distinções baseadas no sexo – construído discursivamente. A utilização de tal conceito possibilitou discussões acerca de diversidade e *identidade de gênero*, expressão utilizada inicialmente na área da psiquiatria para designar o que era considerado “transtorno de identidade de gênero” – ou seja, termo utilizado para definir pessoas que se identificavam com um gênero diferente do que lhes havia sido estabelecido em seu nascimento – o que foi posteriormente questionado pelo fato de tal expressão refletir a ideia de patologia.

Falar sobre a questão de gênero, dessa forma, exige que, anteriormente, a questão da *identidade de gênero* seja tratada, conceito de suma importância para a presente pesquisa, que objetiva discutir a relação entre as questões linguísticas e sociais, analisando criticamente a questão da substituição, de marcadores de gênero gramatical na Língua Portuguesa, por neutralizadores, como ferramenta de construção (e afirmação) da identidade de grupos e indivíduos e refletindo acerca da viabilidade de uma mudança discursiva.

Utiliza-se como base teórica Butler (1990), Cegalla (1994), Cunha e Cintra (1984), Givon (2001), Livia e Hall (2010), Louro (2001) Mattoso Camara (1985) e Sterling (2002).

## MATERIAL E MÉTODOS

Utiliza-se como procedimento metodológico um levantamento bibliográfico de conceitos (gênero gramatical, marcação e gênero social) e levantamento estatístico, descritivo e qualitativo em relação às possibilidades de alternativas que neutralizam o gênero gramatical (quantidade de variantes, como o/a, o/a/e, o/a/@ e o/a/x).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início da pesquisa, levantou-se a possibilidade de as alternativas utilizadas para neutralizar o gênero gramatical serem uma pauta exclusivamente de grupos feministas com o objetivo de questionar o sexismo na linguagem (uso do masculino genérico ou “falso neutro” para englobar tanto indivíduos considerados homens quanto mulheres, em construções como “Bom dia, alunos” ou “Sejam todos bem vindos”). Notou-se, entretanto, que tal problema seria facilmente resolvido com o uso da alternativa “@”, uma junção do “o” atribuído ao gênero gramatical masculino e do “a” atribuído ao feminino, ou até mesmo com o uso de construções como “Bom dia, alunas e alunos” ou “Sejam todas e todos bem-vindos”.

A possibilidade inicial, entretanto, mostrou-se incorreta, visto que páginas LGBTQ+, que utilizam e incentivam o uso de tais alternativas, defendem que sejam abarcadas na linguagem as identidades de gênero alternativas (como por exemplo pessoas intersexo e trans não-binárias), almejando sua representatividade, já que a submissão de indivíduos a definições sexuais fundamentadas nos critérios biológicos cristalizou os estereótipos de gênero, estabelecendo formas irredutíveis de se viver a sexualidade e definindo papéis a serem desempenhados na sociedade com base no sexo, negando qualquer expressão ou vivência que fuja das normas previamente estabelecidas (LAQUEUR, 2001, p.23 apud MIRANDA E SCHIMANSKI, 2014, p.89). Para isso, o uso da alternativa “x”, em construções como “meninx” e “bonitx”, que vem sendo substituída por “e” devido ao fato de, além da dificuldade de pronúncia, ser um símbolo que dificulta a leitura de pessoas cegas

ou com baixa visão. Devido a tal problemática, muitas páginas, como uma das analisadas, “RExistência não-binária” têm utilizado a alternativa “e” em construções como “menine” e “bonite”.

## CONCLUSÕES

Em coleta de dados, referente ao uso de alternativas que buscam neutralizar o gênero gramatical, observou-se o frequente uso do “X”, em vocábulos como “elx”, “sozinhx”, “cornx”, “lindx” e “prontxs” em postagens de página criada por (e destinada a) alunos do campus São Paulo (SPO) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFSP). Das 110 postagens realizadas pela página “Spotted”, na rede social *Facebook*, entre os dias 1 e 30 de agosto de 2017, 9 continham palavras com o uso do X para neutralizar o gênero gramatical. Foi analisada, além disso, uma página criada pela diretoria sociopedagógica da instituição, que também fez uso constante de tal alternativa: das 26 postagens, realizadas entre 24 de janeiro e 30 de agosto de 2017, 9 continham o X como neutralizador, em palavras como “alunxs” e “convidadx”, ao passo que 14 mostravam o uso de “o”, em construções como “alunos”. Importante ressaltar que três postagens continham construções como “os/as colegas” e “contrários/contrárias”.

Observou-se também o uso de construções como “menines” e “lindes”, em página que está sendo analisada no momento, chamada “RExistência não binária” – criada por um coletivo de pessoas trans não binárias. Teve 80 postagens no *Facebook* entre os dias 01 a 30 de agosto de 2017. Dentre elas, 41 utilizavam a alternativa “e” como neutralizador do gênero gramatical, enquanto 2 utilizavam a variante -x. Tais observações nos permitem concluir, dessa forma, em relação à neutralização do gênero gramatical – pauta de suma importância para pessoas cujas identidades de gênero não são contempladas pelo binarismo na linguagem – o frequente uso do X como alternativa, que vem sendo questionada devido ao fato de não ser uma medida inclusiva para pessoas cegas ou com baixa visão. Devido a tal problemática, muitas páginas, como uma das analisadas, “RExistência não-binária” têm utilizado a alternativa “e”

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) por incentivar a pesquisa acadêmica através de bolsas de iniciação científica.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, J.P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- CAMARA, Jr. Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CEGALLA, D.P. *Nova minigramática da Língua Portuguesa*. Companhia Nacional: São Paulo, 1994.
- CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon Editorial, 2013
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- LIVIA, A.; HALL, K. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. In: OSTERMANN, A.C; FONTANA, B. (Org.). *Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola editorial, 2010, p. 109-127.
- LOURO, G.L. *Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em: 21 de maio de 2017.
- STERLING, A.F. *Dualismos em duelo*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a02>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2017.